



As mulheres kariris-xokós fazem potes e outros utensílios de artesanato em cerâmica numa forma de ajudar na sobrevivência, mas também vão à roça trabalhar com os homens

Opara morre! Índios sentem fim do Velho Chico

Kariris-Xokós, habitantes das margens do São Francisco, sofrem com os grandes projetos hidrelétricos da Chesf

ANA MÁRCIA



"Opara está morrendo!" Gritam os índios que habitam o Vale do São Francisco. Opara na língua kariri significa rio mar, nome dado por eles ao Velho Chico, pela imensidão de suas águas e riqueza proporcionada. O rio sempre foi o caminho da vida. Um ano e seis meses após a chegada dos primeiros invasores, no dia 4 de outubro de 1501, Américo Vespúcio o descobre, e a partir de então tornou-se também o caminho da morte. Seguindo o seu leito ficou mais fácil o desbravamento dos conquistadores. No livro Opara, frei Martinho de Nantes afirma que o bandeirante Domingos Jorge Velho matava 500 índios de uma vez, às suas margens. Eram aqueles que se recusavam a ser escravizados. O frei diz "felizmente", nunca ter presenciado o massacre, apesar de registrá-lo em seu livro. Hoje a morte é lenta, porque Opara não dá mais peixe, nem arroz de várzea, e os índios, sem renda, agora morrem de fome e suas conseqüências. As cheias acabaram depois dos grandes projetos hidrelétricos da Chesf, e sem elas as 94 lagoas existentes de Penedo a Piranhas secaram.

As lagoas, que transbordavam com as enchentes, funcionavam como berçários de peixes. Além da produção pesqueira que dava até para vender, os índios do Vale do São Francisco, entre eles os kariris-xocós, de Porto Real do Colégio, plantavam arroz de várzea. Os problemas começaram com a construção de Sobradinho, concluída em 1979, e se agravaram com a construção das outras hidrelétricas.

Antes também era possível plantar, em abundância, mandioca, batata-doce, milho e feijão em suas margens e seguindo o curso natural do Velho Chico fazer pescaria de caniço. "Fiquei triste quando em 75 começaram as obras da barragem porque as lagoas foram secando e agora não enchem mais, o rio perdeu a força de suas águas, acabando também a prática da agricultura de vazante", diz o cacique José Tenório, dos kariris-xocós. A rizicultura foi a parte mais atingida.

Um outro problema aflige esse povo. É a praga do Tucunaré, um peixe do Amazonas que foi introduzido no São Francisco e hoje é um predador das outras espécies. Os kariris-xocós dizem que o predador estava sendo criado em cativeiro por fazendeiros, mas teria escapado (acidentalmente?) e caído no rio. Hoje não há mais Pirá, Mandim, Pilombeta, o Dourado é escasso, o Surubim está vindo de fora e acabaram também o Pacomon e Cajoje. É difícil ainda pescar pitu e camarão.

Os kariris-xocós vivem hoje da cerâmica (potes e outras peças) produzida pelas mulheres e vendida nas cidades, e do uso do barro para fabricação de tijolos. São olarias existentes na aldeia, além da agricultura de milho e feijão, quando o ano não é de seca, como este. Pesca e caça são difíceis para o grupo.

Aldeia Kariri-Xokó

Na região do Baixo São Francisco, município de Porto Real do Colégio, vivem os kariris-xocós. São cerca de 2 mil índios, na aldeia estão concentradas 416 famílias, cuja sede fica em frente à cidade sergipana de Propriá. As duas cidades estão ligadas por uma ponte, eixo entre o sul do País e o nordeste brasileiro, na BR-101. O ritual do Ouricuri, o sentimento de luta e o respeito à terra são suas principais características indígenas. O idioma tradicional foi perdido.

Há cerca de 100 anos houve uma fusão entre os kariris, de Colégio, e parte

dos Xocós, da Ilha São Pedro, no Rio São Francisco, em Sergipe. Kariris fazem parte de uma grande nação nordestina, que teria ocupado da Bahia ao Maranhão. Suas terras tradicionais são 7.200 hectares, mas hoje eles ocupam cerca de 9% desse território, em 1.215 hectares. O restante está em posse da Codevasf (Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco), onde se desenvolve o projeto Itiúba, de irrigação.

Segundo José Nunes de Oliveira, 36 anos, que se denomina o "contador de história da tribo", foi feito um levantamento fundiário e até a cidade lhes pertence, mas não os interessa, significando que restam 6 mil hectares a ser recuperados. Antes de 1978, eles viviam na "Rua dos Índios", no centro de Colégio, quando, em novembro deste ano, resolveram retomar a Fazenda Modelo, ou Sementeira, então administrada pela Codevasf, mas considerada pelos índios como parte de seu território ancestral. A conquista foi um estímulo à identidade deste povo.



Nunes, o contador de histórias

188 hectares da Fazenda Cercado Grande.

Sobre os jesuítas é taxativo. Afirma que eles impuseram, através da perseguição, que se convertessem à religião católica. "Eles queriam modificar tudo, nossas músicas, nossas casas e nossa língua", comenta. A Fazenda Modelo também teve suas lagoas de plantio de arroz afetadas pela construção da hidrelétrica de Sobradinho, inviabilizando a agricultura que obedecia ao ciclo de enchente e vazante do São Francisco.

Mata sagrada

A 6 quilômetros da aldeia kariri-xocó, a equipe da Gazeta, TV Suíça e o Cimi encontraram os 100 hectares de mata sagrada, onde se celebra o ritual do Ouricuri, a religião indígena, totalmente preservada. A denominação serve para o local o o ritual. São 300 casebres de tijolo e chão batido, erguidos sem portas, móveis ou qualquer conforto material (antes as casas eram de palha, mas o gado comia e o branco incendiava). Todos dormem no

nossa segurança existencial", diz Suiira. Durante os dias de celebração do Ouricuri, os casais não podem dormir juntos porque estão impedidos de praticar o ato sexual, aquele é um ambiente exclusivo para o convívio com seres superiores. Em alguns momentos, o cenário místico serve até de maternidade. As índias parem ali mesmo os seus filhos. Criança nascida na mata sagrada é especial, legítima, segundo Suiira.

Suiira contou que quem desobedece as leis sagradas é castigado pelos seres superiores, podendo até chegar ao suicídio, como já aconteceu com um jovem da aldeia. "Aqui é um local só de concentração espiritual", reafirma. Há um determinado local do Ouricuri, que as mulheres são proibidas de acessar e onde não podem participar. Só entram homens e crianças do sexo masculino a partir de 10 anos.

"Ser índio em Porto Real do Colégio significa ser filho da aldeia e conhecer o segredo do Ouricuri desde a primeira infância", diz a professora Vera Lúcia Calheiros, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. "Nosso segredo não podemos revelar", esta frase foi citada em todas as aldeias visitadas. Para Vera, trata-se de rito de vida indígena que a sociedade nacional não conseguiu dominar.

Vera Calheiros define o Ouricuri como "cantos e danças e a ingestão da jurema, infusão feita da entrecasca da raiz desta árvore, posta a macerar para produzir o vinho. O clímax do ritual é o transe resultante do uso da jurema, quando neste estado, dizem romper as barreiras do passado, presente e futuro, numa comunhão com os seus ancestrais e suas divindades".

Apesar desta religiosidade, os índios acreditam em Deus e se dizem católicos. Suas crianças costumam ser registradas e batizadas. Ao morrer são enterrados no cemitério municipal.

Conceito de beleza

"Mulher magra é feia, aqui na aldeia quanto mais gorda, mais bonita, por isso ela tem que comer bastante para ficar robusta e ter muitos filhos", diz o contador de histórias dos Kariris-Xocós, José Nunes de Oliveira, 36 anos, que fez até o 2º ano do 2º grau e está escrevendo um livro por intermédio do antropólogo Sávio de Almeida, da Ufal. Ele também define a mulher como uma "indústria caseira", que prepara o alimento e os remédios caseiros receitados pelo pajé, mas também faz cerâmica e vai à roça. Outro conceito louva as diferenças com o homem branco: quanto mais filhos tem o pai de família, mais respeitado ele é na tribo.

"Se estamos numa reunião e fala-se que vai falar um índio que tem dez filhos, todos os outros se calam em sinal de respeito absoluto, mas se é um que só tem dois ou três filhos, isso não acontece com tanta firmeza, muitos significa mais poder para agir contra o nosso sofrimento", comenta Nunes. As razões desse comportamento são o significado da força de trabalho que têm as famílias grandes, capazes de erguer uma casa ou plantar uma roça em curto espaço de tempo. A tradição existente é a de ter que alimentar tanta gente, mesmo vivendo em condições miseráveis.

Esta mão-de-obra é utilizado nos chamados batalhões, na verdade trabalhos em forma de mutirão para o qual os índios se unem para ajudar um determinado irmão em dificuldades, ou até mesmo pela troca de favores, comum entre eles. Os participantes do mutirão recebem apenas a comida e bebida como forma de agradecimento por parte do dono do serviço.



Povo kariri-xokó vive numa aldeia semelhante a um bairro periférico da cidade, sem a devida assistência



Saiote de folha de pindoba, corpo pintado, os índios entoam e dançam o toré, evocando seus encantados

"Antes os índios trabalhavam como bóias-frias em suas próprias terras", diz Nunes.

Pelos relatos da pesquisadora e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Vera Lúcia Calheiros, com teses de doutorado sobre os kariris-xocós, os padres jesuítas chegaram às margens do São Francisco vindos dos colégios da Bahia e de Pernambuco. A cidade de Porto Real do Colégio tem este nome por ter-se originado da residência do Urubimirim, fundada em terras doadas ao Colégio Jesuíta de Recife. Em torno desta residência foram estabelecidas duas aldeias para fins de catequese, em 1703. As aldeias são extintas em 1873.

José Nunes descreve que o contato com o europeu ocorreu a partir de 1556. No século XVII eram três grupos: kariri, karapotó e akonan; posteriormente os xocós vieram reforçá-los. "Nossas terras, por determinação do Imperador Pedro II, passaram a ser patrimônio público", diz Nunes. Em 1923, parte das áreas invadidas por colonos foram reconhecidas como terras de índios, mas só em 1944 os kariris-xocós são identificados como índios pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), quando se iniciam então suas conquistas étnicas e territoriais. Em 1948 eles retomaram 54 hectares; em 78, a Fazenda Modelo com 295 hectares e em 1994, mais

chão, apenas em esteiras espalhadas, durante 15 dias do mês de janeiro e, quinzenalmente, durante três dias, aos finais de semana. O pajé Júlio Suiira autorizou a visita porque não era dia de celebração. O ambiente é totalmente isolado da chamada civilização, silencioso, onde eles seguem para meditar e, segundo o pajé, com disciplina, "se purificar da energia negativa da civilização". No sábado, 22 de abril, eles estarão ali, para se fortalecer na luta para continuidade de sua origem.

O filho do pajé, substituto natural do pai em algumas das missões espirituais, Francisco Suiira, é o guia da visita ao Ouricuri. "Aqui é o lugar mais humano e mais sagrado de toda a nossa terra, é a